



# miguilim

revista eletrônica do netlli

volume 10, número 2, maio-ago. 2021

## O CONCEITO DE ANALOGIA NOS PRINCÍPIOS FUNDAMENTAIS DA HISTÓRIA DA LÍNGUA DE HERMANN PAUL E NO CURSO DE LINGUÍSTICA GERAL DE FERDINAND DE SAUSSURE



## THE CONCEPT OF ANALOGY IN HERMANN PAUL'S FUNDAMENTAL PRINCIPLES OF LANGUAGE HISTORY AND IN FERDINAND DE SAUSSURE'S COURSE IN GENERAL LINGUISTICS

Ítalo de Freitas ALMEIDA  
Universidade Federal de Campina Grande, Brasil

Maria Hozanete Alves de LIMA  
Universidade Federal do Rio Grande do Norte, Brasil

Núbia Rabelo Bakker FARIA  
Universidade Federal de Alagoas, Brasil

RESUMO | INDEXAÇÃO | TEXTO | REFERÊNCIAS | CITAR ESTE ARTIGO | OS AUTORES  
RECEBIDO EM 25/02/2021 • APROVADO EM 09/06/2021  
DOI: <https://doi.org/10.47295/mgren.v10i2.3261>

---

## Resumo

---

A importância da analogia no estudo das línguas remonta à Antiguidade (LYONS, 1982), mas tornou-se protagonista na discussão sobre a mudança linguística com o advento da Escola Neogramática ao insistirem esses linguistas sobre o papel da analogia como causa das modificações das línguas no curso do tempo. Essa definição foi amplamente veiculada em manuais de Linguística, assim como a representação de Saussure como participante da Escola Neogramática (PAVEAU; SARFATI, 2006; MOUNIN, 1970) com a publicação de seu *Mémoire sur le système primitif des voyelles dans les langues indo-européennes* (1879) ao recorrer à analogia como categoria de análise. Para além desse trabalho histórico, Koerner (2008) discute em um longo artigo a influência que o linguista genebrino teria recebido da obra teórica de seus contemporâneos Neogramáticos, os *Princípios fundamentais da história da língua* (1966), de Hermann Paul, para formulação dos conceitos seminais do *Curso de Linguística Geral* (1970). Tendo em vista este problema historiográfico, esta pesquisa, de natureza teórica, tem como objetivo investigar as possíveis relações conceituais de analogia no *Curso de Linguística Geral* e nos *Princípios fundamentais da história da língua*. Observamos que, de um lado, o fenômeno analógico se situa no entroncamento dos conceitos de língua e fala e do par sincronia e diacronia, de outro, a analogia remete a dois conceitos ou dois processos mentais.

---

## Abstract

---

The importance of analogy in the study of languages goes back to Antiquity (LYONS, 1982), but it became a protagonist in the discussion about linguistic change with the advent of the Neogrammatic School when these linguists insisted on the role of analogy as the cause of language changes over the time. This definition was widely conveyed in Linguistics manuals as well as the representation of Saussure as a participant in the Neogrammatic School (PAVEAU; SARFATI, 2006; MOUNIN, 1970) with the publication of his *Mémoire sur le système primitif des voyelles dans les indoes européennes* (1879) when using analogy as a category of analysis. Apart from this historical work, Koerner (2008) discusses in a long article the influence that the Genevan linguist would have received from the theoretical work of his Neogrammatic contemporaries, the *Fundamental Principles of the history of the language* (1966) by Hermann Paul for the formulation of the seminal concepts of the *Course in general linguistics* (1970). In view of this historiographical problem, this research of a theoretical nature aims to investigate the possible relationships between the concept of analogy in the *Course in general linguistics* and in the *Fundamental principles of the history of the language*. We observe that, on the one hand, the analogical phenomenon is located at the junction of the concepts of language and speech and the synchrony and diachrony pair, on the other, the analogy refers to two concepts or two mental processes.

---

## Entradas para indexação

---

**Palavras-chave:** Paul. Saussure. Analogia. Linguística. Conceito.

**Keywords:** Paul. Saussure. Analogy. Linguistics. Concept.

---

## Texto integral

---

### Introdução

A Linguística do século XX foi fortemente influenciada pelo pensamento de Ferdinand de Saussure (1857-1913). O *Curso de linguística geral* (1970), doravante *Curso*, foi decisivo nesse sentido e, apesar dos destinos dessa obra, defende-se que os linguistas do século XX mantêm “relação com o saussurianismo por *filiação assumida, formação ou reação*” (COLOMBAT; FOURNIER; PUECH, 2017), o que faz do CLG um objeto histórico (NORMAND *et al.*, 1978), e, talvez, a mais importante das peças no jogo constitutivo da história da Linguística Moderna.

A contribuição da reflexão saussuriana para a Linguística do século XX permitiu à ciência da linguagem deslocar o interesse sobre o estudo da mudança das línguas para compreender as transformações linguísticas que acontecem no tempo ao lado da perspectiva do funcionamento da língua sob a ótica do sujeito falante. Seguramente, Saussure foi o linguista responsável por “formalizar e explicitar as duas dimensões ou perspectivas fundamentais e indispensáveis do estudo da linguagem [...] deve, pois, ser creditado a Saussure o mérito de distinguir nitidamente o estudo sincrônico do estudo diacrônico ou histórico” (ROBINS, 1979, p. 163).

Por ocasião do novo retorno a Saussure (cf. CRUZ; FARIA, 2019), provocado em grande medida pelas comemorações de centenário de morte do autor em 2013 e de publicação do *Curso* em 2016, quando diversos eventos e uma gama de pesquisas heterogêneas retomaram o interesse em torno da produção intelectual do autor genebrino, tornou-se incontornável investigar minuciosamente a reflexão teórica de Saussure com vistas a investigar as relações históricas e epistemológicas entre o trabalho do autor genebrino em cotejo com as produções dos linguistas situados no contexto histórico de emergência de seu pensamento.

A motivação deste artigo decorre da observação de Koerner (2008) de que há certas afinidades entre a reflexão linguística de Hermann Paul (1846-1921) e os conceitos do *Curso*. Para o autor, os *Princípios fundamentais da história da língua*, de Paul, doravante *Princípios*, cuja primeira edição foi publicada em 1880, teria produzido algum tipo de influência no sistema de elaboração conceitual de Saussure uma vez que o linguista genebrino “desenvolveu a maioria de suas ideias sobre Linguística geral no início de 1890 e certamente muito antes de 1901 (KOERNER, 2008 p. 106)<sup>1</sup>, portanto Paul deveria ser considerado um “estruturalista *avant la lettre*” (ALBRECHT, 1994, p. 393-408 *apud* KOERNER, 2008, p. 105).<sup>2</sup>

Organizamos nossas investigações em cinco seções. Na seção de Introdução, apresentamos a significativa participação dos estudos saussurianos no contexto contemporâneo das ciências da linguagem, assim como o problema da possível influência que Saussure teria recebido de Paul segundo a premissa de Koerner (2008). A partir da seção de título A analogia nos manuais de Linguística: o apagamento de Hermann Paul, desenvolvemos uma breve discussão sobre a problemática das possíveis relações históricas e epistemológicas entre a produção da Escola Neogramática, particularmente entre o trabalho teórico de Paul e o de Saussure, abordando o apagamento da produção de Paul nos manuais de Linguística e a presença da analogia nos textos dos linguistas supracitados. Na terceira seção,

<sup>1</sup> Para ajudar o leitor, optamos por traduzir todas as citações em inglês e francês para o português, que terão tão somente a indicação do número de página do original.

<sup>2</sup> Locução adverbial francesa que significa em português brasileiro ‘antes de existir’ ou ‘antes do seu inteiro desenvolvimento’.

examinamos criticamente as definições do conceito de analogia elaborado por Paul nos *Princípios fundamentais da história da língua*. Em seguida, exploramos as definições teóricas do conceito de analogia formulado por Saussure no *Curso de linguística geral*. Na seção de Considerações finais avaliamos as distinções conceituais e as consequências teóricas que separam o olhar saussuriano sobre a analogia daquele proposto por Paul.

### **A analogia nos manuais de linguística: o apagamento de Hermann Paul**

Apesar da contribuição do pensamento de Saussure para a Linguística Moderna (ROBINS, 1979), sabe-se que o autor inicia o ofício de linguista durante o século XIX, portanto tem a Linguística histórico-comparativa como pano de fundo. De fato, os únicos trabalhos publicados em vida por Saussure inscrevem-se na perspectiva histórica amplamente aceita por seus contemporâneos e foi este exercício que lhe consagrou notoriedade em Paris devido ao escopo e a novidade dos resultados expostos na célebre obra *Mémoire sur le système primitif des voyelles dans les langues indo-européennes* (1879), doravante *Mémoire*, obra ainda considerada uma das mais belas no campo da Linguística histórico-comparativa (MORPURGO DAVIES, 2004).

Nesse sentido, é possível encontrar referências ao trabalho histórico do autor genebrino em manuais de Linguística, mais comumente como um dos participantes da Escola Neogramática (cf. MOUNIN, 1970). Paveau e Sarfati (2006) também situam o nome de Saussure ao lado do de K. Brugmann, protagonista da Escola Neogramática, ao defenderem que a publicação da *Mémoire* adota os procedimentos metodológicos formulados pelos Neogramáticos: “o exame dos fatos disponíveis com a formulação de princípios hipotético-dedutivos que autorizam a reconstrução de mecanismos linguageiros há muito tempo desaparecidos” (PAVEAU; SARFATI, 2006, p. 27). Esse critério autorizaria, de acordo com os autores, incluir Saussure como um dos participantes da Escola justificado pelo “alto grau de abstração do cálculo das leis fonéticas” no *Mémoire*. Por esses motivos, concluem os autores que “Saussure, participa, então, plenamente do movimento Neogramático” (PAVEAU; SARFATI, 2006, p. 27).

Com efeito, Saussure (1970) encerra o fim do capítulo I do *Curso – Visão geral da História da Linguística* –, capítulo em que traça uma rápida apresentação do panorama da Linguística, com uma menção modesta aos *Junggrammatiker*, o que parece colocá-los como a última formulação válida em Linguística.

Seu mérito [da Escola Neogramática] consistiu em colocar perspectiva histórica todos os resultados da comparação e por ela encadear os fatos em sua ordem natural. Graças aos neogramáticos não se viu mais na língua um organismo que se desenvolve por si só, mas um produto do espírito coletivo dos grupos linguísticos. Ao mesmo tempo, compreende-se quão errôneas e insuficientes eram as ideias da Filologia e da Gramática Comparada. (SAUSSURE, 1970, p. 12).

Não são raras as referências encontradas em manuais sobre a mudança de direção operada pela Escola Neogramática na história da Linguística do século XIX.

Kristeva (2007, p. 214), por exemplo, anuncia que “os sinais precursores de uma verdadeira ciência linguística autônoma, destacada da gramática e da filologia” se deve aos Neogramáticos. No texto de Mounin (1970, p. 212), encontramos uma interpretação da narrativa histórica do autor em relação ao impacto do advento Neogramático na visão de Saussure e de seus contemporâneos: “se aperceberam muito claramente os contemporâneos de Bréal, de Saussure e Meillet, para quem, os Neogramáticos marcam, na data charneira de 1878, a passagem da Gramática Comparada a uma plena e propriamente dita Linguística histórica”.

Curiosamente, lemos em Godel (1957) uma separação menos nuançada entre a Gramática Comparada e a Escola Neogramática, a partir das anotações tomadas por Albert Riedlinger<sup>3</sup> na ocasião do segundo curso de Linguística geral, quando Saussure separa dois momentos decisivos na história da Linguística oitocentista, notadamente distintos daqueles estabelecidos no *Curso*. Um dos erros e dos problemas que incorreram a “Linguística indo-europeia de 1816 a 1870 [...] erros na natureza do fenômeno analógico” (GODEL, 1957, p. 75). Em seguida, Saussure comenta a orientação que se segue após esse período histórico.

A nova escola (Direção neogramática): influência de Whitney, das obras dos romanistas e germanistas. Advento do método histórico; a linguagem encarada como um produto do espírito coletivo das sociedades humanas; *justa apreciação do fenômeno analógico*; estudo de fonologia. A partir de então, uma visão mais justa do indo-europeu. (GODEL, 1957, p. 75, grifos nossos).

Importante recuperar rapidamente a data de publicação do primeiro número do periódico *Pesquisas Morfológicas* (1878), publicado por Osthoff e Brugmann, cujo prefácio ficou conhecido como o manifesto Neogramático. Na passagem acima, Saussure faz referência explícita aos Neogramáticos, mas não cita outros autores contemporâneos, com exceção de Whitney.

O trabalho teórico “fundamental para [compreender] o pensamento dos Neogramáticos é os *Princípios fundamentais da história da língua* (1966), de Paul, que foi frequentemente reescrito e atualizado até a morte do autor” (MORPURGO DAVIES, 2000, p. 246). Um dos conceitos formulado pelo autor dos *Princípios* é a analogia, todavia, não é essa definição que se veicula em manuais de Linguística, relativamente ao conceito de analogia da doutrina Neogramática. Em realidade, os manuais apresentam a analogia, brevemente, como uma das causas principais da mudança das línguas, proposta pelos Neogramáticos, para explicar as exceções ao caráter necessário da mudança fonética, quando os resultados regulares desse fator são perturbados pela criação de formas, pelos locutores, “em conformidade com outros elementos da mesma língua, com base em uma semelhança mais frequentemente sonora” (PAVEAU; SARFATI, 2006, p. 29).

---

<sup>3</sup> A. Riedlinger frequentou os primeiro e segundo cursos de linguística geral ministrados por Saussure na Universidade de Genebra nos anos de 1907 e 1908-1909. Albert Sechehaye e Charles Bally, editores do *Curso*, se valeram dos cadernos desse estudante para reconstituir os dois primeiros cursos, inclusive teve sua colaboração indicada na folha de rosto da obra saussuriana “recorremos à colaboração do Sr. A. Riedlinger, um dos discípulos que acompanharam o pensamento do mestre com o maior interesse; seu trabalho, nesse ponto, nos foi muito útil” (BALLY; SECHEHAYE/SAUSSURE, 1970 [1915], p. 2).

Há evidência textual suficiente para comprovar que Saussure foi leitor dos *Princípios* de Paul (KOERNER, 2008). Por outro lado, o historiador afirma que o apagamento de Paul nos manuais de Linguística fez do linguista germânico “o notório apóstolo do historicismo [...] ao apagarem convenientemente os aspectos ‘estruturais’ da sua teorização” (KOERNER, 2008, p. 110), isto é, sua reflexão mais geral e teórica sobre as línguas do ponto de vista da descrição linguística, conforme a crítica que faz aos manuais analisados:

Essa perspectiva sobre Paul foi repetida por outros (por exemplo, Mounin, 1967, p. 210), (Robins, 1995 [1967], pp. 209-210), que não tinham mais nada a dizer sobre um estudioso que exerceu uma forte influência sobre o pensamento linguístico na Europa e na América entre 1880 e 1920, período durante o qual cinco edições de seu *Princípios* [...] apareceram. (KOERNER, 2008, p. 103).

Assim como ignoraram o reconhecimento da diferença da perspectiva histórica em relação à abordagem descritiva nos *Princípios*: “Na verdade, Paul se mostrou muito ciente das diferenças fundamentais entre o que agora chamamos de abordagem sincrônica e diacrônica para a análise da linguagem” (KOERNER, 2008, p. 110). Apesar dos apontamentos, sabemos que Saussure (1970, p. 12) foi fortemente crítico a muitos dos postulados dos Neogramáticos e afirmou haver problemas remanescentes em Linguística, mesmo após a contribuição desse grupo: “não se pode dizer que tenha esclarecido a totalidade da questão [ao referir-se à Escola Neogramática], e, ainda hoje, os problemas fundamentais da Linguística Geral aguardam uma solução”.

Um aspecto metodológico ligado à atual retomada de interesse em torno da produção intelectual de Saussure, mencionada na seção de Introdução deste artigo, se refere à necessidade de definição do *corpus* saussuriano. Fiorin, Flores e Barbisan (2013) chamam atenção para a “escolha de leitura” ao afirmarem que a investigação científica em torno do material saussuriano precisa, antes, de uma delimitação do *corpus* de pesquisa sob a ótica do pesquisador, em função da quantidade de fontes disponíveis atualmente e da natureza heterogênea dos documentos colocados a público.

Nesse sentido, assumimos com Engler (2004, p. 47) que, sem o trabalho de “assimilação e reconstituição” de Bally e Secheyay, a posterioridade não teria conhecido tão publicamente as ideias do autor genebrino “portanto, a existência do CLG é um fato de importância histórica”. Nosso entendimento quanto às fontes manuscritas segue o que propõe Normand (2009), para quem os textos manuscritos e os cadernos dos alunos possuem papel de complementar do *Curso* ou para promover ocasionais correções deste último, sem que se possa substituí-lo. Para a autora, “não se trata, evidentemente, de ignorar os trabalhos filológicos, mas de resguardar-lhes seu papel de complemento e correção eventual, recusando que eles sejam obstáculos a uma primeira reflexão sobre o *Curso*” (NORMAND, 2009, p. 18).

Aventamos a hipótese para esta pesquisa de que “a influência de Paul em Saussure é óbvia [e] os *Princípios* de Paul deve ser considerado uma fonte importante de inspiração linguística de Saussure” (KOERNER, 2008, pp. 102-103). Pelo exposto, pareceu oportuno investigar de perto um conceito comum ao texto de Linguística geral de Saussure e de Paul, a analogia, assim como as possíveis relações

epistemológicas entre o que o autor germânico propõe para esse conceito e a definição teórica do conceito de analogia formulado na reflexão linguística de Saussure, tendo como *corpus* de análise as obras mais conhecidas dos autores.

### A analogia nos *Princípios*

Nos *Princípios*, Paul (1966) propõe dois conceitos de analogia que não devem ser confundidos (cf. MORPURGO DAVIES, 2000). O primeiro se caracteriza como o processo de criação de palavras e sentenças pelo indivíduo na produção da fala, além de ser a condição de possibilidade de ocorrência do segundo, quando a analogia se torna uma causa de mudança linguística. Nos termos de Morpurgo Davies (2000),

analogia na produção da fala e analogia na mudança linguística [...] esta última é relevante quando a substituição ocorre no tempo; a primeira está, na visão de Paul, presente em todos os atos de fala. A última, no entanto, depende da primeira. (MORPURGO DAVIES, 2000, p. 257).

Para Paul (1966, p. 118), o indivíduo não reproduz de memória a língua falada na conversação, porque as palavras são criadas e recriadas por uma atividade contínua baseada nos agrupamentos e cruzamentos de “proporções análogas entre palavras diferentes” no momento da produção da fala e “as frases que dizemos, poucas são as que aprendemos de cor; a maior parte delas são formadas no momento mesmo” (PAUL, 1966, p. 121) por uma atividade combinatória que “se baseia na existência dos grupos de proporções [...] que adquiriram um determinado grau de solidez [e] são de importância eminente para toda a actividade da fala e para toda a evolução da língua” (PAUL, 1966, p. 120), tendo em vista que toda modificação do uso da língua tem sua origem pela produção da fala através da ação dos grupos de proporções de palavras.

Sendo assim, o conceito de analogia na produção da fala refere-se aos processos de associação e combinação de proporções de palavras na mente humana que, por sua vez, presidem a atividade da fala: “analogia, somos informados, é um fator essencial e indispensável da produção da fala” (MORPURGO DAVIES, 2000, p. 256) porque o indivíduo continuamente “cria ou recria formas [...] com base na analogia com outras formas” (PAUL, 1966, p. 256). Assim, o autor se afasta da discussão sobre o papel da analogia na modificação linguística “da abordagem puramente histórica” (PAUL, 1966, p. 256) para tratar da analogia na produção da fala “em termos de associações e analogia proporcional” (PAUL, 1966, p. 257).

Nesta perspectiva, quase todas as palavras de uma língua estão associadas em grupos de relação que se situam na mente: “não há por assim dizer palavra nenhuma, seja em que língua for, que esteja absolutamente fora de qualquer um dos grupos [de proporções]” (PAUL, 1966, p. 120) em função da atração mútua que estabelecem entre si “no interior do espírito” (PAUL, 1966, p. 119), portanto cumpre investigar, primeiro, a atividade criadora do indivíduo já que “fazemos injustiça a este factor da vida da língua [a analogia na produção da fala] se só começamos a considerá-lo quando ele provoca uma modificação no uso” (PAUL, 1966, p. 120).

Na compreensão de Paul, há um princípio que rege as modificações da língua, uma diferença “importante de ordem muito geral” (PAUL, 1966, p. 42) sobre os

processos de mudanças linguísticas. O processo de modificação por analogia opera uma substituição, i.e., a modificação de uma forma por outra forma: “o desaparecimento do antigo e o aparecimento do novo efectuam-se pelo mesmo acto” (PAUL, 1966, p. 42).

Na classificação das modificações do uso, o autor afirma que as mudanças podem incidir sob o aspecto fonético e semântico isoladamente, como acontecem respectivamente nas mutações fonéticas e semânticas, ou levando-se em consideração ambos os aspectos fonético e semântico. Este último é o caso da analogia, cujo processo pressupõe a reorganização de “elementos fonéticos da língua já existentes [para] entrarem em novas combinações por causa do significado que tomam [...] o factor mais importante é a analogia [...] [que] exerce [...] a sua principal acção onde o significado coopera simultaneamente” (PAUL, 1966, p. 4).

A substituição de formas por analogia acontece à revelia do indivíduo, isto é, ele não tem consciência dos fenômenos psíquicos que ocorrem em sua mente, na instância mental onde acontecem os processos de evolução língua: “*uma grande quantidade de fenômenos psíquicos se consomem sem consciência clara e que tudo o que alguma vez existiu na consciência permanece no subconsciente como momento activo*” (PAUL, 1966, p. 34, grifos no original). A formação dos grupos de palavras por associações e combinações na mente constitui-se como produtos de interações conscientes que o indivíduo mantém com os demais em sociedade ao falar, pensar e escutar porque “absolutamente nenhuma ideia introduzida no consciente através da atividade da fala pode desaparecer sem deixar vestígios” (PAUL, 1966, p. 35).

A analogia seria, portanto, um fenômeno de criação espontânea de formas regulares e usuais na produção da fala, que se aplica, principalmente, ao nível morfológico e sintático de formação da língua (MORPURGO DAVIES, 2000). Para o autor dos *Princípios*, a substituição de palavras por analogia pressupõe a ação dos grupos mentais na produção da fala, por isso esse tipo de analogia é “muito mais geral [do que a analogia na mudança linguística]; é o que nos permite criar formas ‘corretas’ e ‘regulares’ que não ouvimos antes ou que podemos ter ouvido, mas não memorizamos” (MORPURGO DAVIES, 2000, p. 258).

A formação de uma palavra por analogia na produção da fala se opera de acordo com a fórmula de uma “redução dum equação de proporções através da criação dum segundo membro de proporção segundo o modelo de proporções análogas já tornadas correntes, para uma palavra igualmente corrente” (PAUL, 1966, p. 121).

Segundo o autor Neogramático, a formação por analogia requer “pelo menos três membros que sirvam para início de uma tal equação” e “cada um tem de ser de qualquer modo comparável aos outros [...] tem de mostrar uma certa concordância com um no fator material, com outro no fator formal” (PAUL, 1966, p. 126). A criação e recriação de palavras se explica pela concordância dos membros da fórmula proporcional. Morpurgo Davies (2000) esclarece que:

deve haver acordo "material" e "formal" entre seus membros. Isso se refere ao seu entendimento [de Paul] dos grupos associativos como sendo "materiais", ou seja, compartilhando um valor lexical comum (como nas várias formas flexionadas do *animus*) ou "formais", ou seja, compartilhando propriedades gramaticais e fonológicas comuns (como *animus* e *senatus*, que são formas

nominativas singulares terminando em -us). (MORPURGO DAVIES, 2000, p. 258).

Algumas palavras e frases da língua são empregadas na conversação com o auxílio da memória do indivíduo, por essa razão Paul lança mão da discussão sobre a aprendizagem da língua materna para explicar a fixação das formas usuais da língua na memória do indivíduo. Para Paul, o processo de formação de palavras e sentenças da língua se internaliza na mente como resultado da experiência do indivíduo, que deduz a regra de formação inconscientemente por causa dos exemplos aos quais é submetido no processo de aprendizagem: “vamos ouvindo uma série de frases que se formam do mesmo modo e por isso se juntam num grupo. O elemento comum vai se reforçando pela repetição e assim se deduz inconscientemente a regra a partir dos exemplos” (PAUL, 1966, p. 121).

Contudo, o indivíduo não dispõe tudo na memória e “a maior parte das frases que dizemos são formadas no momento mesmo” (PAUL, 1966, p. 121) com base nos grupos de proporções, os quais fornecem ao indivíduo a possibilidade, inclusive “de exceder aquilo que na língua era já usual” (PAUL, 1966, p. 124), por causa da segurança que confere ao indivíduo já que as formas “são contínua e firmemente criadas sem que a pessoa que fala tenha a sensação de abandonar o chão firme do aprendido” (PAUL, 1966, p. 121). A criação por analogia se explica, portanto, através da ação dos grupos de proporções e não importa se se cria uma forma corrente ou um neologismo análogo a uma forma corrente:

É absolutamente indiferente para a natureza deste processo se se cria qualquer coisa que já antes foi usual na língua ou qualquer coisa inexistente até aí. No fundo, também não importa se o que se cria de novo está em contradição com o que até aí se usou. (PAUL, 1966, p. 121).

Porque o indivíduo associa a maioria das formas usuais da língua em grupos de relação, o isolamento de uma palavra demandaria uma aprendizagem especial para que possa ser registrada na memória caso a forma não possua muita intimidade de associação às palavras já agrupadas. Isto é, se a palavra não se agrupar intimamente aos grupos relacionais, poderá eventualmente desaparecer do uso, pois “tudo o que não é apoiado por qualquer grupo ou o é só em muito pequena medida, não é suficientemente resistente contra o poder dos grupos maiores se não for gravado na memória com intensidade especial por uma repetição frequente” (PAUL, 1966, p. 122). No caso de não ser gravada, poderá levar ao desaparecimento da forma em “consequência da contradição com a regra geral, [assim] o sentido da língua torna-se inseguro e isso pode levar finalmente ao desaparecimento de construções” (PAUL, 1966, p. 122).

O autor germânico explica que a formação por analogia inconforme ao uso corrente pode ter a aparência de uma “transgressão ao uso” (PAUL, 1966, p. 124) e mesmo levar à modificação linguística ou não da forma anterior quando “depois de tornado hábito [a forma criada], voltar a perder-se, enquanto nos apropriamos do usual através do convívio” (PAUL, 1966, p. 125). O destino do neologismo individual se explica por causa do organismo mental e pelos processos de criação e recriação do indivíduo, assim como pela influência que pode vir a sofrer dos demais “cada

indivíduo tem um certo grau de liberdade no uso da língua e também pode estar sujeito a influências diferentes de outros indivíduos” (MORPURGO DAVIES, 2000, p. 249).

A lembrança da forma não emerge na memória do indivíduo durante o processo mental de criação da forma por analogia, uma vez que “a imagem de recordação [da forma anterior] pode ser tão reduzida que não chegue a sobrepor-se à formação por proporção, e esta se realize sem obstáculos” (PAUL, 1966, p. 124), importa somente o sentimento do indivíduo criador do neologismo, ou seja, “basta que o respectivo indivíduo não sinta qualquer contradição em relação ao que até aí aprendeu” (PAUL, 1966, p. 121). Essa “transgressão ao uso”, referida por Paul, pode parecer um erro ao se limitar a um indivíduo e “não é provável que [a formação por analogia] se espalhe; no entanto, em circunstâncias adequadas, se a mesma criação ocorrer em vários indivíduos, ela pode fazer desaparecer a forma que era anteriormente atual e se tornar aceita” (MORPURGO DAVIES, 2000, p. 257).

Portanto, a criação do neologismo análogo não implica o desaparecimento súbito da forma já existente, em realidade, a primeira (neologismo) pode vir a substituir a segunda (já existente) ou não, mas a substituição sempre dependerá do relacionamento linguístico dos indivíduos, da influência dos indivíduos da mesma comunidade linguística, assim como da passagem de uma geração para a outra:

Não é concebível que a primeira [forma] empalideça simultaneamente em todos os indivíduos, de forma que a palavra formada por analogia possa impor-se sem obstáculos. Muito mais frequentemente acontece que alguns indivíduos conservam sempre a velha fórmula enquanto que os outros se servem já do neologismo [...] Mas continuando a haver entre uns e outros um convívio constante, acabará por dar-se um ajustamento. Portanto ambas as formas têm de tornar-se correntes para um número maior ou menor de indivíduos. Só depois de longa luta entre ambas as formas é que o neologismo pode reinar sozinho. (PAUL, 1966, p. 125-126).

Na verdade, a substituição da forma usual pelo neologismo depende da produção e reprodução dessa forma nova “dentro de um círculo estreito, [quando] se produz espontaneamente o mesmo neologismo num grande número de indivíduos” (PAUL, 1966, p. 125). O fator que garante a continuidade da transmissão da formação analógica é “o fato de que os processos psicológicos essenciais são os mesmos para todos” (MORPURGO DAVIES, 2000, p. 248), isto é, o processo “baseia-se na concordância preponderante que preside à organização dos grupos de ideias que se referem à língua” (PAUL, 1966, p. 125).

A consequência da modificação linguística por analogia se explica em função da natureza do processo da analogia mental que preside a produção da fala. O problema da analogia na produção da fala toca efetivamente no problema relativo ao funcionamento da língua e antecede as questões sobre a mudança linguística: “Paul se propõe a ilustrar suas visões teóricas [...] e (sem realmente reconhecer este procedimento) trata dos aspectos gerais de método linguístico, bem como das questões “sincrônicas” da linguagem antes de discutir as questões da mudança linguística” (KOERNER, 2008, p. 113).

Assim, é o processo de analogia na atividade da fala que pode ter efeito de mudança linguística porque o que ocorreu no uso individual pode se tornar aceito pela coletividade, ou seja, a criação por analogia na produção da fala de um indivíduo pode se tornar aceita e esse processo leva à modificação linguística por analogia, como sintetiza Morpurgo Davies (2000, p. 257): “uma vez que a possibilidade de criações analógicas, ou seja, de analogia sincrônica, é aceita, o problema histórico, o da mudança analógica, torna-se fácil de resolver”.

### A analogia no *Curso*

Saussure define a analogia como o fenômeno de criação de “uma forma feita à imagem de outra ou de outras, segundo uma regra determinada” (SAUSSURE, 1970, p. 187) e que “se exerce em favor da regularidade [...] dos processos de formação e de flexão de uma língua” (SAUSSURE, 1970, p. 188) quando a mudança fonética os altera, portanto, a analogia “tem ação unificadora” (SAUSSURE, 1970, p. 188). Contudo, o “capricho” da analogia é tornar impossível de prever sobre quais formas a criação poderá incidir, assim como a extensão de sua ação e os modelos que serão adotados para formá-la, pois há formas que simplesmente resistem à pressão analógica.

Engler (1968) recolhe em seu *Lexique de la terminologie saussurienne* duas definições de analogia. No primeiro verbete, a analogia é uma criação baseada na fórmula exposta a seguir:

criação → paraplasma, instalação de uma concorrente [→ forma analógica] ao lado de uma forma que pode ir tão longe quanto a substituição de uma forma criada por associação com uma forma tradicional → procedimento (≠ processo) baseado em três elementos (o tipo transmitido, o concorrente, → o entorno associativo), prestado pela fórmula da 4ª proporcional. (ENGLER, 1968, p. 12).

A criação analógica pode ser representada com base na operação análoga ao cálculo da quarta proporcional, “modelo matemático pelo qual se expressa um movimento em favor da regularidade” (CASTRO, 2018, p. 819), conforme o exemplo abaixo:

$$\begin{array}{l} \text{ōrātōrem} : \text{ōrātor} = \text{honōrem} : x \\ x = \text{honor} \end{array}$$

**Figura 1:** Exemplo de analogia representada pela fórmula da quarta proporcional.

**Fonte:** *Curso de linguística geral* (SAUSSURE, 1970, p. 188).

O exemplo *ōrātōrem: ōrātor, honōrem: x* representa como *honor* formou-se pela relação de associação com as outras formas acima segundo o esquema dos moldes da quarta proporcional. Note-se que há a necessidade de três formas da língua cujos padrões regulares participam da formação de *honor*, que foi “criada por

associação” (GODEL, 1957, p. 57), portanto *honor* passou a concorrer com a forma tradicional *honos*. O surgimento da analogia, contudo, não implicou o desaparecimento instantâneo da forma tradicional, i.e., quando a criação analógica surge materializada pela fala individual, ela “não acarreta necessariamente o desaparecimento daquela a que vem duplicar” (SAUSSURE, 1970, p. 190) e pode ser aceita ou não pela massa falante em um segundo tempo.

As duas formas podem ser conservadas e coexistirem até que o desuso, geralmente da mais antiga leve ao “desaparecimento da forma antiga, que cai em desuso devido à sua irregularidade” (GADET, 1987, p. 109). Para Saussure (1970, p. 190), o desaparecimento é um “fenômeno independente do primeiro [do fenômeno da criação analógica]”.

Castro (2018) conclui que, na perspectiva saussuriana, a analogia é uma atividade inconsciente de comparação pelo sujeito falante que se submete ao esquecimento momentâneo, o que significa que o fenômeno analógico não é efetivamente intencionado. Por essa razão, Saussure distingue cuidadosamente os termos ‘intenção’ e ‘vontade’ (cf. JOSEPH, 2012), pois na criação analógica “não há jamais premeditação” (CASTRO, 2018, p. 821). O saber linguístico do sujeito falante, afirma Normand (2004, p. 94), “preside o uso vivo da língua: saber adquirido e implícito” e é assim que a atividade criadora da analogia permite ao falante criar uma forma segundo a operação de escolha e combinação de formas do sistema de sua língua.

Dado o problema da memória ou da inconsciência do sujeito falante na analogia, fica claro que a forma tradicional não participa da geração da criação por analogia uma vez que a primeira simplesmente não se encontra na consciência do sujeito falante durante o fenômeno de criação: “a condição fundamental para esta criação é certamente o esquecimento <momentâneo> da forma legítima até então existente. A forma herdada é a única que não participa da formação do novo tipo” (SAUSSURE/RIEDLINGER, 1996, p. 61 *apud* JOSEPH, 2012, p. 504).

Sendo assim, a analogia permite a criação de formas, mas não opera uma troca ou substituição de uma forma antiga por outra concorrente, o que leva o autor genebrino a questionar a ação da analogia na mudança linguística: “serão eles [os fenômenos analógicos], como comumente se acredita, mudanças? (SAUSSURE, 1970, p. 189). Para ele, esse erro de interpretação sobre a natureza da analogia se deve às práticas dos linguistas anteriores, que estabeleciam uma mudança entre formas historicamente relacionadas segundo a pressão analógica, cujo resultado “faz crer numa transformação” (SAUSSURE, 1970, p. 190). No entanto, a substituição de formas é alheia e “a eliminação da forma tradicional que dá a ilusão de uma mudança” (GODEL, 1957, p. 57) decorrente da relação estabelecida entre “um termo suplantado pelo novo, um metaplasmo” (SAUSSURE, 1970, p. 189).

A segunda definição de analogia fornecida por Engler (1968, p. 12) em seu *Lexique* é de que esse conceito é a “relação, semelhança entre várias coisas diferentes: qualquer relacionamento de analogias também implica o relacionamento de diferenças”, razão pela qual, afirmará Saussure em outra ocasião, que “toda aproximação das analogias implica também a aproximação das diferenças” (SAUSSURE/RIEDLINGER, 1996, p. 67 *apud* CASTRO, 2018, p. 822).

De fato, Saussure (1970, p. 191) assinala que o princípio da “criação analógica se confunde com o princípio das criações linguísticas em geral”. Trata-se, diz

Normand (2004, p. 95), “do princípio geral que define a língua como um sistema de relações”. Gadet (1987, p. 110) também defende a importância do fenômeno analógico e afirma que a analogia é “para o estudo do funcionamento da língua, um aspecto complementar do jogo de relações no mecanismo”.

Porque a criação analógica convoca a presença do sujeito falante, justifica a analogia ser “de ordem psicológica” (SAUSSURE, 1970, p. 191), porém Saussure acrescenta a esse conceito a ordem *gramatical*: “ela [a analogia] supõe a consciência e a compreensão de uma relação que une as formas entre si” (SAUSSURE, 1970, p. 191). Isso se refere ao ponto de vista do autor sobre o mecanismo interno de funcionamento da língua mediante as relações associativas e sintagmáticas que definem as unidades no âmbito do sistema. Portanto, assinala Godel (1957, p. 63) que um estado de língua “contém tudo que chamamos ou deveríamos chamar de gramática: a gramática, com efeito, pressupõe um sistema de unidades contemporâneas entre elas”.

Ao atribuir a natureza gramatical em analogia, Saussure precisa enfrentar o paradoxo representado pelo resultado fornecido por ela, qual seja, “o papel da fala [...] na operação e se pôr em frente ao ato de fala para compreender a operação da analogia” (CASTRO, 2018, p. 819), em outras palavras, o produto que se apresenta na fala, pela materialidade fônica e como elemento inédito para a língua, pertence à execução individual. A analogia se transforma em um problema para Saussure na medida em que “o quebra-cabeça colocado pela mudança analógica é que seu produto [...] é uma forma que não faz parte da língua no momento de sua criação. No entanto, está sendo produzido por analogia proporcional nas mentes de falantes individuais” (JOSEPH, 2012, p. 506).

Para o autor genebrino, a forma analógica surge na fala individual do falante, “é a obra ocasional de uma pessoa isolada. É nessa esfera, e à margem da língua, que convém surpreender primeiramente o fenômeno” (SAUSSURE, 1970, p. 192). À língua concernem as relações das formas que se associam: “a compreensão da relação que une as formas geradoras entre si” (SAUSSURE, 1970, p. 192), por outro lado, os elementos materialmente percebidos “são construções repentinas, por ocasião da fala” (GODEL, 1957, p. 61) e compreendem o “resultado sugerido pela comparação, a forma improvisada pelo falante para a expressão do pensamento” (SAUSSURE, 1970, p. 192).

Por meio dessa intrincada relação dos domínios da língua e da fala, o autor afirma que a analogia “nos faz tocar com o dedo o jogo do mecanismo linguístico” (SAUSSURE, 1970, p. 192), pois leva o linguista a tornar visíveis as relações que o sujeito falante realiza inconscientemente, por meio da coordenação do mecanismo da língua, com a forma que se apresenta materialmente na fala e que pode ser representada pela operação análoga ao cálculo da quarta proporcional: “é, assim, particularmente propício para tornar visível [...] o funcionamento corrente das relações dentro do sistema, constituindo para o linguista o equivalente de uma experiência analisável” (NORMAND, 2004, p. 93-95). A preocupação de Saussure em separar língua e fala na analogia demonstra uma bifurcação em linguística, ajuda “a separar a língua da fala” (SAUSSURE, 1970, p. 192).

Conforme Saussure declara, o fenômeno analógico se realiza antes do surgimento da forma na fala, porque a atividade da língua é contínua e nela “contém em si não somente todas as possibilidades de um falar conforme ao uso, mas

também todas as possibilidades de formações analógicas” (SAUSSURE, 1970, p. 192). O fenômeno analógico compreende a “comparação inconsciente dos materiais depositados no tesouro da língua, onde as formas geradoras se alinham de acordo com suas relações sintagmáticas e associativas” (SAUSSURE, 1970, p. 192) por isso “uma criação analógica [...] só reúne elementos que existem de outra forma, mas não estão agrupados em um sintagma” (GADET, 1987, p. 110), o que explica por que a formação por analogia não “se produz no momento em que surge a criação; seus elementos já estão dados [...] já existe[m] em potência na língua [...] e sua realização na fala é um fato insignificante em comparação com a possibilidade de formá-la” (SAUSSURE, 1970, p. 193).

A analogia deve ser interpretada, portanto, como uma das operações do sujeito falante com o mecanismo do funcionamento da língua, por isso ela “não passa de um aspecto do fenômeno de interpretação, uma manifestação da atividade geral que distingue as unidades para utilizá-las em seguida. Eis porque dizemos que [a analogia] é inteiramente gramatical e sincrônica” (SAUSSURE, 1970, p. 193). Para Gadet (1987, p. 109), referindo-se ao que propõe Saussure sobre a analogia, assinala que “é radicalmente nova a apresentação da analogia como um fenômeno inteiramente gramatical e sincrônico, assimilável ao mecanismo comum da língua”.

Muitas criações analógicas manifestas pela fala não terão destino na língua, jamais repercutem no sistema: “são combinações sem futuro, que a língua provavelmente não adotará” (SAUSSURE, 1970, p. 196), mas mesmo essas formações possuem o caráter de regularidade e se explicam segundo a operação análoga ao cálculo da quarta proporcional “da mesma maneira que as que a língua aceitou” (SAUSSURE, 1970, p. 196).

Por isso, Saussure conclui que a analogia propriamente dita “não poderia ser, por si só, um fator de evolução [das línguas]” (SAUSSURE, 1970, p. 197), a substituição de formas por analogia, porém, é um dado incontornável no estudo da evolução linguística porque “cada vez que uma criação se instala definitivamente e elimina sua concorrente, existe verdadeiramente algo criado e algo abandonado, e nesse sentido a analogia ocupa um lugar preponderante na teoria da evolução” (SAUSSURE, 1970, p. 197), razão pela qual a analogia se situa na segunda bifurcação em linguística, no cruzamento dos eixos da sincronia e diacronia (CASTRO, 2018).

O papel da analogia é distinto, portanto, da importância dispensada às análises fonéticas por ser mais geral, “mais considerável, inclusive, que o da mudança dos sons (SAUSSURE, 1970, p. 199), e o estudo das evoluções em sua integralidade deveria considerar a analogia um fator de evolução da língua tão significativo tal qual o é a mudança fonética, contudo, diferente desta última “o fenômeno da analogia é uma força transformadora da linguagem; mesmo que as criações analógicas não sejam transformações!!” (SAUSSURE/RIEDLINGER, 1997, p. 63 *apud* JOSEPH, 2012, p. 505).

O autor genebrino ainda informa que na história de cada língua, quase todos os elementos que resultam de fenômenos analógicos “são conservados; somente que se distribuem de forma diversa” (SAUSSURE, 1970, p. 199-200) por esse motivo a analogia representa um fator de conservação linguística ao preservar formas da língua a partir de “combinações novas de elementos fônicos arrancados a formas mais antigas” (SAUSSURE, 1970, p. 200), o que a torna “eminentemente conservadora” (SAUSSURE, 1970, p. 200).

Em realidade, Saussure (1970, p. 200) assume que não há criação *ex nihilo*<sup>4</sup>, pois “ela [a analogia] utiliza sempre a matéria antiga para as suas inovações”, ou seja, pressupõe a reorganização de formas antigas no sistema da língua e “espera que sempre envolva o rearranjo do material previamente existente” (JOSEPH, 2012, p. 506) em um “estado de língua, [por isso a analogia] é eminentemente sincrônica” (CASTRO, 2018, p. 826).

Em segundo lugar, a analogia também garante a continuidade das formas de uma língua quando a estabilidade do sistema não altera significativamente o mecanismo relacional, isto é, as unidades perduram em função da organização estável do sistema: “que reforça o funcionamento normal do mecanismo, pois a estabilidade das formas está ligada ao seu enquadramento no sistema, e é na medida em que se pode analisar uma forma que se transmite intacta” (GADET, 1987, p. 111).

O exemplo fornecido por Saussure da forma latina *agunt* ilustra como essa forma foi transmitida quase intacta, ao longo de séculos, por obra da analogia: “não foi *agunt*, mas *ag-unt*; a forma não muda, porque *ag-* e *-unt* se verificavam regularmente em outras séries, e foi esse cotejo de formas associadas que preservou *agunt* ao longo do caminho” (SAUSSURE, 1970, p. 200). Assim como as formas latinas *disc-unt* e *dilig-unt*<sup>5</sup> que perduraram em função das relações com as demais formas transmitidas por causa da estabilidade do sistema, portanto, “sem essa vizinhança, teria muitas possibilidades de ser substituíd[a] por uma forma composta de novos elementos” (SAUSSURE, 1970, p. 200).

### Considerações finais

A título de conclusão, verificamos que Paul e Saussure propõem conceitos distintos para explicar a analogia, o primeiro propõe que a criação da forma por analogia tem relação com o *uso*, e o segundo com a *língua*. Para o linguista germânico, a criação por analogia tem relação com a produção individual, na visão de Saussure, com a mobilização do sujeito falante. Ambos os autores também situam a analogia como um fenômeno que incide no plano da *fala*.

Vimos que, nos *Princípios*, o termo analogia remete a dois conceitos ou processos mentais. O primeiro e mais importante, de acordo com o autor, é a criação e recriação de palavras e frases regulares e usuais por meio de combinações e associações à semelhança de outras três formas segundo o uso e opera uma substituição de palavras etimologicamente relacionadas. Portanto, a analogia na produção da fala preside o uso de palavras na conversação e é a condição de possibilidade de ocorrência da analogia como causa de modificação linguística, quando a formação de uma palavra pela atividade da fala do indivíduo influencia o organismo psíquico dos demais e o acordo tácito dessa comunidade de falantes no uso da forma.

Por essa razão, o papel da analogia na produção da fala seria logicamente anterior à ação da analogia como fator de mudança das línguas. A formação de uma

<sup>4</sup> Locução adverbial latina que significa em português brasileiro ‘do nada’ ou ‘nada vem do nada’.

<sup>5</sup> Agradecemos a um dos (ou a umas das) pareceristas anônimos(as) a leitura cuidadosa de uma primeira versão deste texto e por ter sugerido o exemplo das formas latinas *disc-unt* e *dilig-unt* para ilustrar a continuidade de formas analógicas por causa da estabilidade das relações no sistema linguístico.

palavra por analogia é uma atividade criadora do indivíduo e ocorre instantaneamente na atividade da fala e inconscientemente na mente, portanto não é intencionada por ele, mas decorre de um acidente mental ocasionado pela natureza dos grupos de proporções de palavras.

No *Curso*, observamos que o fenômeno analógico ocorre no plano psíquico, portanto, na esfera da língua, ele mesmo não constitui a criação analógica sensivelmente observável, que o pressupõe e pertence à fala. O fenômeno da analogia é de ordem psicológica e gramatical, pois permite ao sujeito falante criar uma forma ao combinar e associar inconscientemente elementos já existentes na língua por meio de relações, cujo resultado material poderá substituir a forma tradicional com a qual concorrerá ou não, porém o surgimento instantâneo da criação na fala individual não implica o desaparecimento imediato da forma mais antiga no sistema da língua.

A explicação do autor genebrino para o possível desaparecimento da forma tradicional se basearia no acordo tácito segundo o qual a massa falante adotaria a criação por analogia devido aos seus padrões de formação regulares e vivos que revelariam ser essa forma sentida como viva para o sujeito falante. A consequência para a forma antiga é o desuso e o seu possível desaparecimento, o que provoca uma mudança na língua. Na perspectiva saussuriana, a analogia é um aspecto complementar e materialmente observável do jogo das relações do mecanismo de funcionamento da língua, ao qual não só as formações analógicas estão submetidas, mas todas as unidades da língua.

É verdade que Saussure conferiu à escola neogramática uma certa importância no que respeita ao fenômeno da analogia. Na compreensão do autor genebrino, os neogramáticos concederam à analogia “seu verdadeiro lugar, mostrando que ela, juntamente com as mudanças fonéticas, é o grande fator da evolução das línguas” (SAUSSURE, 1970, p. 189).

No entanto, o conceito de analogia na atividade da fala de Paul (1966) não tem a mesma consequência teórica do de Saussure, porque os neogramáticos se contentaram amplamente com análises e descrições tradicionais baseadas, sobretudo, nos dados positivos (MORPURGO DAVIES, 2004). Ao propor que a formação de palavras e frases por analogia é uma redução de proporções de palavras definidas em si mesmas e positivas, como atesta a distinção principal dos grupos de palavras entre grupos de matéria e de forma, Paul assume o espírito positivista compartilhado pelos jovens gramáticos, o que lhes impediu de adotar uma atitude voltada para abstração com a finalidade de pensar o que é subjacente e geral no fenômeno linguístico.

Por outro lado, “a análise de Saussure levou [...] à identificação de estruturas subjacentes que, em certo sentido, forneceram essa ‘lógica de classificação’ dos fatos linguísticos” (MORPURGO DAVIES, 2004, p. 28). A analogia saussuriana revela como a elaboração teórica desse conceito é altamente produtiva e permite articular e mesmo separar teoricamente o lugar do sujeito falante no fenômeno linguístico, assim como as distinções sincronia/diacronia e língua/fala, como sustenta Gadet (1987):

A analogia, portanto, tem um papel importante na construção teórica de Saussure: [ela é] ponto-chave das relações como mobilização do associativo e sintagmático, ela também está na

encruzilhada de duas dicotomias essenciais, ponte entre sincronia e diacronia e ponte entre língua e fala. É uma das maneiras pelas quais Saussure dá conta da criatividade, uma área da qual ele só pode abordar colocando uma flutuação entre a língua e a fala introduzida pelo lugar do sujeito. (GADET, 1987, pp. 111-112).

Especificamente sobre a perspectiva sincrônica no estudo da linguagem, Morpurgo Davies (2000, p. 249) defende que Paul já postula um “estudo da língua em que tanto a descrição quanto o estudo do desenvolvimento desempenhassem seu papel”, o que não significa dizer que existe aí uma preocupação igualmente direcionada às questões linguísticas relativas ao funcionamento da língua. Koerner (2008, p. 112) também encontra nos *Princípios* uma preocupação de Paul com os problemas relativos ao funcionamento da língua e afirma que essa perspectiva será principal na reflexão do autor germânico “ambos os linguistas [Paul e Saussure] reconhecem a primazia da abordagem descritiva sobre o histórico, embora Paul se contradiga neste ponto em várias ocasiões ao não levar suas afirmações à sua conclusão lógica”.

Contudo, não encontramos no texto de Paul uma reflexão teórica explicitamente articulando o estudo histórico das línguas e a perspectiva de análise descritiva, pelo contrário, a ausência de uma formalização que separe teoricamente esses dois domínios confirma o postulado do autor Neogramático de que a única via científica para o estudo da linguagem é aquela que explica a história da língua.

Por outro lado, Saussure parece ter compreendido que a separação do domínio sincrônico do diacrônico seria a condição de possibilidade de uma ciência da linguagem autônoma, tendo a analogia um papel fundamental para reconhecer a sincronia como o plano linguístico em que as unidades da língua não são definidas por si mesmas, mas são efeitos de relações realizadas no âmbito do sistema da língua. A noção de sistema se revela intimamente ligada ao conceito de sincronia como o pano de fundo de que a massa falante de qualquer língua dispõe: “o fenômeno analógico é uma ‘criação’ e Saussure o integra em sua teoria da língua, vendo aí uma operação da mesma ordem que a da atividade corrente dos locutores” (NORMAND, 2004, p. 96).

---

## Referências

---

CASTRO, M. F. P. de. Sobre a analogia na reflexão saussuriana. *DELTA*. v. 34, n. 3, São Paulo, 2018. p. 815-834.

CRUZ, M. A.; FARIA, N. R. B. Novo retorno a Saussure: algumas reflexões sobre a circulação indefinida do nome de Ferdinand de Saussure. *Leitura*, v. 1, nº 62, 2019. p. 2-12.

COLOMBAT, B.; FOURNIER, J-M.; PUECH, C. *Uma história das ideias linguísticas*. São Paulo: Contexto, 2017.

ENGLER, R. *Lexique de la terminologie saussurienne*. Utrecht-Anvers: Spectrum. Comité international permanent des linguistes. Publication de la commission de terminologie, 1968.

ENGLER, R. The making of the Cours de Linguistique Générale. In: SANDERS, C. (ed.). *The Cambridge Companion to Saussure*. Cambridge: Cambridge University Press, 2004. p. 47-58.

FIORIN, J. L.; FLORES, V. N.; BARBISAN, L. B. Por que ainda ler Saussure? In: FIORIN, J. L.; FLORES, V. N.; BARBISAN, L. B. (orgs.). *Saussure: a invenção da Linguística*. São Paulo: Contexto, 2013. p. 7-20.

GADET, F. *Saussure: une science de la langue*. Paris: PUF, 1987.

GODEL, R. *Les sources manuscrites du Cours de Linguistique Générale de F. de Saussure*. Genève: Librairie Droz, 1957.

JOSEPH, J. *Saussure*. United Kingdom: Oxford University Press, 2012.

KOERNER, E. F. K. Hermann Paul and general linguistic theory. *Language Sciences*. v. 30, 2008.

KRISTEVA, J. *História da Linguagem*. Lisboa, Portugal: Edições 70, 2007.

LYONS, J. *Lingua(gem) e Linguística: uma introdução*. Rio de Janeiro: Zahar, 1982.

MORPURGO DAVIES, A. *History of Linguistics: Nineteenth-Century Linguistics*. v. IV. Cambridge: Routledge, 2000.

MORPURGO DAVIES, A. Saussure and Indo-European Linguistics. In: SANDERS, C. (ed.). *The Cambridge Companion to Saussure*. Cambridge: Cambridge University Press, 2004. p. 9-29.

MOUNIN, G. *História da Linguística: das origens ao século XX*. Porto: Edições Despertar, 1970.

NORMAND, C. *Saussure*. São Paulo: Estação Liberdade, 2009.

NORMAND, C. *et al. Avant Saussure: choix de textes (1875-1924)*. Bruxelles: Éditions Complexes, 1978.

PAVEAU, M-A.; SARFATI, G-É. *As grandes teorias da Linguística: da gramática comparada à pragmática*. São Paulo: Editora Claraluz, 2006.

PAUL, H. *Princípios fundamentais da história da língua*. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 1966.

ROBINS, R. H. *Pequena história da linguística*. Rio de Janeiro: Ao Livro Técnico, 1979.

SAUSSURE, F. de. *Curso de linguística geral*. São Paulo: Cultrix, 1970.

---

### Para citar este artigo

---

ALMEIDA, Ítalo de Freitas; LIMA, Maria Hozanete Alves de; FARIA, Núbia Rabelo Bakker. O conceito de analogia nos princípios fundamentais da história da língua de Hermann Paul e

---

## Os Autores

---

**Ítalo de Freitas Almeida** – Licenciado em Letras-Português pela Universidade Federal de Alagoas e Mestrando em Linguagem e Ensino pela Universidade Federal de Campina Grande. <https://orcid.org/0000-0003-2208-4316>.

**Maria Hozanete Alves de Lima** - Professora do Departamento de Letras e do Programa de Pós-Graduação em Estudos da Linguagem da Universidade Federal do Rio Grande do Norte e professora colaboradora do Programa de Pós-Graduação em Linguagem e Ensino da Universidade Federal de Campina Grande. <https://orcid.org/0000-0001-8916-2740>.

**Núbia Rabelo Bakker Faria** - Professora Titular aposentada da Faculdade de Letras da Universidade Federal de Alagoas e professora permanente do Programa de Pós-graduação em Letras e Linguística da Universidade Federal de Alagoas. <https://orcid.org/0000-0003-4798-0379>.